

Celso Furtado e a Independência

IVAN COLANGELO SALOMÃO (*)

Conquanto tenha dedicado o mais longo e fecundo período de sua carreira à pesquisa teórica e à análise econômica coetânea, é possível afirmar que Celso Furtado ainda seja mais reconhecido por seus préstimos à história econômica. Diante do amplo reconhecimento granjeado por sua obra mais afamada, o nome de Celso Furtado foi legitimamente alçado ao panteão dos intérpretes do Brasil devido à contribuição maiúscula que *Formação Econômica do Brasil* (1959) trouxe ao entendimento da história do país. Intelectual multifacetado, Furtado foi, de fato, um dos responsáveis por elevar a pesquisa econômica nacional a patamares condizentes com os cânones da moderna ciência social.

Se é verdade que a principal contribuição do livro se encontra nos capítulos finais, quando Furtado discorre acerca do processo de industrialização, há diversas outras passagens que, se não são exatamente seminais, contribuem para o entendimento do processo histórico de desenvolvimento brasileiro. O longo processo de Independência – capítulos 16 a 20 – talvez seja dos mais relevantes.

Celso Furtado entende a Independência como um longo processo de formação da nação cujas origens remontam às últimas décadas do século XVIII, e que tem no grito do Ipiranga apenas um evento simbólico de importância secundária. Do ponto de vista político, ladeou a ocorrência de eventos históricos importantes, como a Guerra da Independência dos Estados Unidos (1776), a Revolução Francesa (1789) e a Revolução Haitiana (1791), que, além dos efeitos políticos, também desorganizaram o mercado de produtos tropicais na Europa. Mas o rompimento dos laços com a antiga metrópole só teria se consolidado por ocasião da abdicação de Pedro I (1831), momento em que ascendeu definitivamente ao poder a classe dos latifundiários da grande agricultura de exportação (FURTADO, 2007 [1959], p. 143).

A importância da ruptura com a metrópole se deu pela abertura de novas possibilidades para mudanças nas estruturas políticas, econômicas e sociais. Se até 1822 a política econômica era exogenamente imposta pela metrópole, a partir de então a paulatina cons-

trução do Estado nacional e a consequente internalização do centro de comando político permitiram que nativos residentes no Brasil passassem a conduzir o projeto de nação que havia pouco se reconhecia como tal.

Nesse ponto em específico, Furtado entendia que a importância do Estado como promotor das mudanças necessárias para a superação do subdesenvolvimento fazia-se ainda maior nas economias periféricas. Foi justamente o que se observou a partir dos anos 1850, quando a crise econômica decorrente da emancipação passou a ser superada por meio da atuação do Estado, que equacionou a chaga do tráfico humano e garantiu a unidade nacional em meio a pressões centrífugas provinciais. Por fim, Furtado realça que se deveu à intermediação do Estado a aprovação da Lei de Terras (1850), instituto que, se inviabilizou uma política pública de reforma da estrutura fundiária, por outro lado, promoveu as condições para a expansão da economia cafeeira rumo ao Oeste Paulista.

É nesse sentido que o significado da Independência em Celso Fur-

tado antecede, transcende e sucede o evento político de 1822. O autor entende a independência como um *processo* de construção da institucionalidade necessária para a formação da nação. Mais do que o simples rompimento do “pacto colonial”, o estudo da independência permite “compreender a natureza do Estado brasileiro, as condições de formação das elites econômicas e as possibilidades de implementação de uma ideologia do desenvolvimento.” (BARBOSA *et al.*, 2021).

Se foi no decorrer do século XIX que o Brasil se estabeleceu como nação politicamente independente, a verdadeira autonomia seria conquistada, segundo Furtado, somente quando do rompimento dos laços de subordinação econômica. Fenômenos histórico-estruturais, subdesenvolvimento e dependência são condições passíveis de superação, desde que adotadas as políticas adequadas para esse fim; em outros termos, um projeto nacional de desenvolvimento. Elemento central desse projeto, a industrialização adquiriu, em determinados momentos da longa obra de Furtado, conotação quase metonímica de independência. Mas este se trata de um segundo e incompleto capítulo da nossa história.

Referências

BARBOSA, A. de F.; SILVA, R. P.; SAES, A. M. **Celso Furtado e a (in) dependência do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2021.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

(*) Professor do Departamento de Economia da Universidade de São Paulo (FEA/USP). (E-mail: ivansalomao@gmail.com).